

O DESAPARECIMENTO DE UM FILHO!

Dr. Manuel Coutinho

*Secretário Geral do IAC e
Coordenador do SOS-Criança*

O desaparecimento de um filho leva os pais a perderem o sentido da vida, é uma experiência terrível, por mais que se tente imaginar é impossível perceber tão grande dor, tão grande sofrimento.

A dor suprema que os pais a quem desapareceu um filho vivenciam é certamente a pior sensação que um ser humano pode sentir, é algo inexplicável, os vínculos com os filhos são muito fortes, complexos e únicos e o seu desaparecimento provoca uma ferida aberta que nunca mais cicatrizará.

Os pais nunca mais serão como eram, a imensa e intensa dor que os invade e transporta é marcada pela revolta, é uma situação muito particular, porque se, por um lado, existe a esperança do regresso do filho a qualquer momento, por outro, existe o receio de nunca mais o reencontrarem.

Esta esperança leva-os a nunca aceitarem a ideia de parar, a nunca deixarem de os procurar, a nunca se renderem, e esta energia, que vão buscar às forças que já não têm, acaba por os impossibilitar de fazer o luto.

Embora cada caso seja um caso especial, a forma como os pais enfrentam o sofrimento e a perda depende da sua personalidade e da relação que tinham com o filho.

Todavia, o sentimento que surge como reação ao facto de ter sido vítima da perda brutal do desaparecimento de um filho leva-os a experienciarem sempre uma forte mudança na sua vida psíquica, cuja reação emocional profunda se situa a um nível Psicológico, Físico, Social e emocional.

Os pais que de um momento para o outro ficam privados do seu filho, porque ele sumiu sem deixar rasto, ficam com a vida suspensa, entram num calvário sem fim, a situação do desaparecimento de um filho é a história mais trágica, que alguém pode vivenciar O DESAPARECIMENTO DE UM FILHO!, é pior que a própria morte.

Quando uma criança morre, toda a família fica inconsolável, mas percebe-se que houve um fim concreto.

Há um funeral e os pais, mesmo muito sofridos e inconsoláveis, conseguem perceber tudo o que aconteceu, mesmo que não o aceitem, por muita revolta e dor que a morte traga, acaba por haver uma possível compreensão do fenómeno em si e o luto acaba por ter lugar, o que não acontece quando há um desaparecimento.

Quando desaparece um filho, instala-se no pensamento dos pais uma grande incógnita, porque nunca se sabe se a criança ou o jovem está vivo ou morto.

Há uma dor, que dói sem se saber aonde, sem uma localização específica, os pais mais tarde ou mais cedo acabam por ser invadidos por um enorme vazio.

A ansiedade, a raiva, a tristeza profunda, as dificuldades em dormir, assim como o evitamento gradual das pessoas, nomeadamente da família e dos amigos, a par com os conflitos emocionais e conjugais, acabam por atingir estes pais, já por si tão debilitados.

O desaparecimento de um filho, para além de ser muito traumatizante, é um diálogo surdo e imaginário que os pais têm constantemente, porque interiormente estão sempre a pensar em que situação se encontra o filho, se tem fome, se tem frio, ou sede, se está com saúde ou em sofrimento e nunca conseguem intuir o que fizeram ao seu filho, nem imaginar o que lhe podem estar a fazer, no momento presente.

Na verdade, nesta situação conflituante é preciso fazer as pazes com o tempo; tempo que evoca e dilui as memórias e as recordações; tempo de colisão entre a esperança e o desespero total; tempo que foge e tempo que não passa; tempo que os faz sentir impotentes, mas que não lhes permite que desistam; tempo que os deixa exaustos, mas que lhes dá a força para continuar a procurar o filho desaparecido.

Sempre que desaparece um filho a uma família, desaparece também uma família a um filho, que nunca compreenderá o que lhe aconteceu e o sofrimento e a dor de tal separação é igualmente aniquilador e muito angustiante.